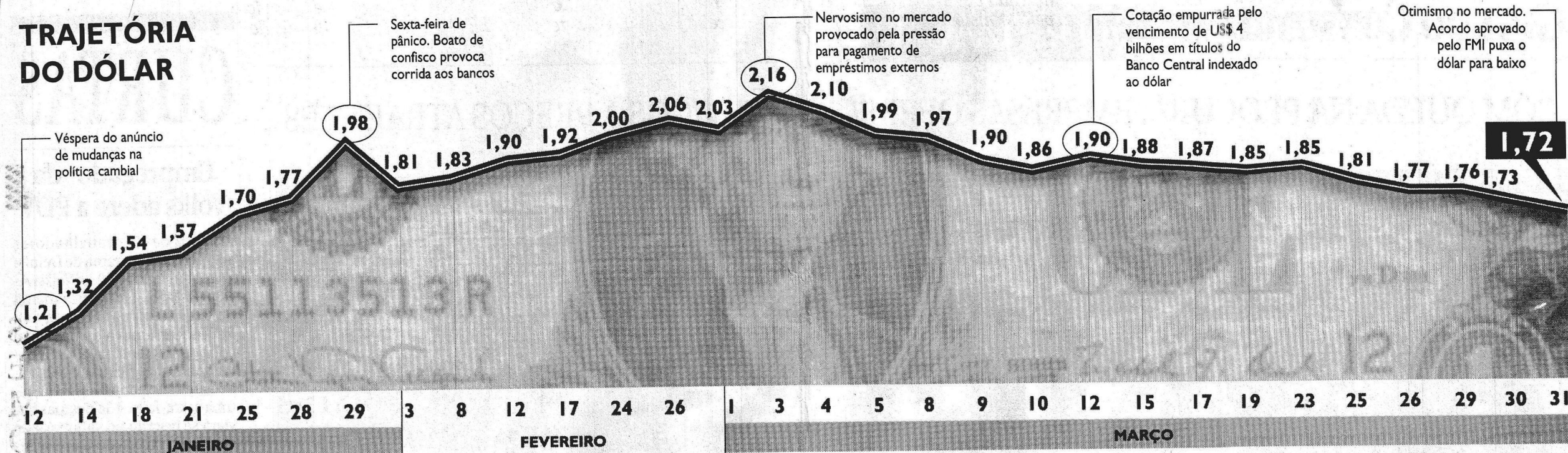


TRAJETÓRIA
DO DÓLAR

Cotação do dólar em dia de queda livre

Com a venda de títulos na terça-feira a juros mais baixos, o mercado espera nova redução da taxa na próxima semana

O dia foi de otimismo nos mercados de juros e câmbio. O dólar fechou em forte baixa, a taxas médias de R\$ 1,72, e só não caiu mais porque o Banco do Brasil e o Banco Central compraram grandes quantidades de moeda durante o dia. O mercado continuou em forte especulação sobre uma queda de juros no início da próxima semana, depois do bom resultado do leilão de títulos prefixados feito pelo BC ontem.

A instituição vendeu integralmente uma emissão de 400 mil papéis cambiais, com juros de

20,99%. Durante a manhã, uma forte queda da moeda americana foi causada por intensas entradas de recursos para compras de papéis nos leilões do Tesouro e Banco Central (respectivamente, R\$ 2 bilhões em títulos pós-fixados e cerca de R\$ 690 milhões em títulos cambiais), entrada de recursos provenientes de captações externas e o cenário mais otimista.

O dólar já abriu em baixa, com cotação média de R\$ 1,74. Quando o preço de venda chegou a R\$ 1,73, o Banco do Brasil começou a comprar a moeda americana no mercado. O

Banco Central entrou comprando diretamente mais tarde, quando a cotação caiu próxima a R\$ 1,71. No fim do dia, o dólar fechou à taxa média de R\$ 1,72 (R\$ 1,715 para compra, R\$ 1,725 para venda).

O resultado do leilão de papéis cambiais mostrou o otimismo do mercado: o governo pagou ontem 20,99% de juros, na média, em títulos NBC-E (Notas do Banco Central série E), contra 31,5% na semana passada. Parte da pressão de queda no mercado de câmbio teria acontecido justamente por causa da entrada de recursos para compra destes títulos.

FUTUROS

A liquidação do vencimento de contratos futuros na BM&F, marcada para a próxima segunda-feira, deve ser tranqüila. Em março, a co-

tação do dólar caiu mais de 15%. Terça-feira, já havia começado a rolagem de contratos do vencimento de abril para o de maio.

A especulação sobre uma possível redução de juros na próxima semana continuou no mercado. A taxa do mercado interbancário (CDI) fechou em 39%, prevendo uma taxa Selic em torno dos 40% na próxima segunda. Hoje, a taxa está em 41,95%. Embora alguns analistas acreditem que o BC pode não mudar os juros até a próxima reunião do Comitê de Política Monetária (Copom), as especulações continuaram no mercado, motivadas pela forte queda na taxa de juros obtida terça-feira pelo governo, no leilão de títulos públicos.

A Taxa de Juros de Longo Prazo (TJLP), que serve de referência para os empréstimos concedidos pelo

BNDES às empresas, subiu de 12,84% para 13,48% ao ano. A alta da TJLP foi inferior à da inflação de 5,64% apurada pelo IGP-DI nos meses de janeiro e fevereiro deste ano.

A elevação da TJLP ocorre na contramão da redução das taxas de juros que o Banco Central vem fazendo no mercado, mas isso ocorre porque a taxa é calculada a cada três meses levando em conta a média da rentabilidade dos títulos da dívida interna e externa. Esse número é comparado à evolução média da TJLP dos últimos 12 meses. O BC compara os índices e fixa o menor.

EMPRESÁRIOS

No fim do ano passado, para compensar o empresariado pela alta de impostos, o governo mudou o cálculo da TJLP e ela caiu de 18,06% para 12,84% ao ano. Em fins de novem-

bro, como ainda refletia o aumento das taxas de juros, a taxa deu um salto de 11,68% ao ano para 18,06%, causando irritação no empresariado.

A choradeira dos empresários repercutiu junto ao ministro do Desenvolvimento, da Indústria e do Comércio, Celso Lafer, que representa a ala desenvolvimentista no novo mandato do presidente Fernando Henrique Cardoso. Lafer negociou a queda da TJLP com o seu colega da Fazenda, Pedro Malan.

Na época, com a criação dessa fórmula alternativa, o governo evitava que a TJLP sofresse aumentos abruptos toda vez que o BC aumentasse os juros para manter a cotação do dólar. A média dos 12 meses reduz o impacto de aumento dos spreads (taxa de risco) dos títulos públicos no mercado externo e interno por causa da crise.

UFIR DEVE ACABAR

O presidente Fernando Henrique Cardoso afirmou ontem que vai mandar acabar com a Ufir, unidade de referência utilizada para pagamento de impostos. Em entrevista à Rádio Bandeirantes, ao responder a uma pergunta sobre tentativas de reindexação da economia e do uso de um indexador para corrigir impostos, Fernando Henrique disse que a correção de tributos só existe para pagamentos de longo prazo. "Eu vou verificar com o ministro da Fazenda se ainda resta algum fiapinho de Ufir, onde é que resta, e mandar acabar com ele. Eu acho que não se justifica mais porque realmente é fazer com que o contribuinte pague aquilo que não é justo", afirmou o presidente. Fernando Henrique disse que a reindexação pode provocar a volta da inflação e que ele não vê trabalhadores defendendo a volta da correção dos salários pela inflação. "O que vejo são políticos defendendo a reindexação, mas não trabalhadores ou empresas."

NOVO DIRETOR

O atual presidente da Brasilprev, Fuad Jorge Noman Filho, 53 anos, é o nome mais cotado para ocupar a diretoria de Crédito do Banco do Brasil. Ele é graduado em economia, funcionário do Banco Central e foi para a empresa do BB que vende planos de previdência privada em 1996, indicado pelo ex-presidente do banco Paulo César Ximenes. O presidente do Banco do Brasil, Andrea Calabi, deverá apresentar as novas indicações para a diretoria da instituição na próxima segunda-feira, na reunião do Conselho de Administração. Fuad esteve ontem em Brasília, no gabinete de Calabi. Ele tem sido elogiado por seu trabalho na Brasilprev e é bem relacionado em Brasília. O substituto de João Batista de Camargo na diretoria de Recursos Humanos e Distribuição deverá ser o atual superintendente da área de Negócios com o governo, Leonardo Martins Alves. Na disputa pela indicação está também o secretário-executivo da Presidência do BB, Marcelo Teixeira.